

UM PASSEIO NO

Palácio da Democracia



UM PASSEIO NO

Palácio da Democracia

EXPEDIENTE

Design de Capa e Diagramação: Giovanna Pavese Leite e Clarice Fontes

Viegas Oliveira

Texto: Maurício da Silva Duarte

ESCOLA JUDICIÁRIA ELEITORAL

Diretora: Desembargadora Eleitoral Maria Helena Pinto Machado

Vice-diretor: Desembargador Eleitoral Bruno Vinícius da Ros Bodart da Costa

Coordenadora: Lisia Alves Baganha

CONSELHO CONSULTIVO

Desembargador Fernando Cerqueira Chagas

Professora Vânia Siciliano Aieta

Professor Bruno Cezar Andrade de Souza

Tribunal Regional Eleitoral do Rio de Janeiro

PRESIDENTE

Desembargador Peterson Barroso Simão

VICE-PRESIDENTE E CORREGEDOR REGIONAL ELEITORAL

Desembargador Claudio de Mello Tavares

MEMBROS

Desembargador Federal Ricardo Perlingeiro

Desembargador Eleitoral Rafael Estrela Nóbrega

Desembargador Eleitoral Bruno Vinícius da Ros Bodart da Costa

Desembargador Eleitoral Katia Valverde Junqueira

SUBSTITUTOS

Desembargador Eleitoral Maria Helena Pinto Machado

Desembargador Eleitoral Cristina Serra Feijó

Desembargador Eleitoral Marcello Granado

Desembargador Eleitoral Sylvia Therezinha Hausen de Area Leão

Desembargador Eleitoral Manoela Augusta Martins Rodrigues Dourado

Desembargador Eleitoral Tathiana de Carvalho Costa

PROCURADORIA REGIONAL ELEITORAL

Titular: Neide Mara Cavalcanti Cardoso de Oliveira

Substituto: Flavio Paixao de Moura Junior

DIRETORIA-GERAL

Eline Iris Rabello Garcia da Silva

DIRETORA DA ESCOLA JUDICIÁRIA ELEITORAL

Desembargadora Eleitoral Maria Helena Pinto Machado

VICE-DIRETOR DA ESCOLA JUDICIÁRIA ELEITORAL

Desembargador Eleitoral Bruno Vinícius da Ros Bodart da Costa



a casa nova



“ por que o Banco Transatlântico investiu uma fortuna para fazer uma nova sede a apenas duas quadras, na mesma rua? ”

Desde julho de 2024, o Tribunal Regional Eleitoral do Rio de Janeiro passou a funcionar no número 42 da Rua da Alfândega, no Centro do Rio. Restaurado e batizado de Palácio da Democracia, o belo prédio havia sido construído em 1926 para abrigar o Banco Alemão Transatlântico.

A fachada do prédio e as paredes do seu grande hall contam um pouco do gosto estético e da imponência do passado, quando o edifício foi considerado um dos mais luxuosos de sua época. Um simples passeio pode revelar também os vestígios das ideologias, gostos e técnicas daquele tempo.

Para começar, podemos nos perguntar: por que o Banco Transatlântico investiu uma fortuna para fazer uma nova sede a apenas duas quadras, na mesma rua?

Antes, o banco estava instalado em outro belo prédio, no número 11, onde hoje funciona a Fundação Getúlio Vargas.

Figura 1 - Fachada do Palácio da Democracia na Rua da Alfândega 42



tempos de mudança

“ na região portuária do Rio de Janeiro havia um grande fluxo de mercadorias, em especial a maior riqueza exportada pelo Brasil nas primeiras décadas do século XX ”

Muito movimentada e valorizada na época, especialmente para os grandes comerciantes e bancos, a área em torno da Rua da Alfândega ficava próxima da região portuária, núcleo do processo de modernização da Capital do país desde a segunda metade do século XIX.

Basta dar uma olhada na vizinhança para encontrar vários prédios que também abrigaram bancos, como o do atual Centro Cultural Banco do Brasil ou o Centro Cultural da Justiça Eleitoral.

Na região portuária do Rio de Janeiro havia um grande fluxo de mercadorias, em especial a maior riqueza exportada pelo Brasil nas primeiras décadas do século XX, o café produzido no Vale do Paraíba e no rico Oeste paulista.

Quem já não ouviu falar dos poderosos “coronéis” da República Velha (1889-1930)? Pois é, o país continuava basicamente rural, com 90% da população morando no campo. O Rio de Janeiro era então uma ilha de modernidade, mas a agricultura e o comércio de exportação povoavam a imaginação dos investidores e também as representações que foram preservadas no prédio do antigo Banco Alemão Transatlântico.

Figura 2 - Visão Área da Região Portuária do Rio de Janeiro

Banco aristocrático para uma política oligárquica

Após a Proclamação da República brasileira, em 1889, seguiram-se dois governos liderados por militares: os marechais Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto. Esse período ficou conhecido como "República da Espada" e deixou como herança uma desconfiança velada dos políticos civis, chamados de "casacas" pelos militares.

O primeiro presidente civil a tomar posse foi Prudente de Moraes, eleito com 88% dos votos! Essa eleição inaugurou o que passou à História como "República Oligárquica" (1894-1930). Oligarquia é um termo usado na ciência política para descrever governos autoritários que limitam a competição eleitoral a pequenos grupos políticos, vinculados aos interesses das grandes elites econômicas.

Você conhece regimes democráticos onde a eleição é vencida com essa margem de 90% dos votos?

Pode até acontecer, pois existem líderes muito populares. Mas é difícil isso acontecer em países que vivem um ambiente democrático. Além do direito de votar e ser votado para a maioria da população adulta, a democracia pressupõe também que existem a plena liberdade de imprensa e de reunião e a garantia de que a oposição pode disputar as eleições em igualdade de condições.

Pois vencer com mais de 90% dos votos era uma tradição na República Oligárquica brasileira. Foi o caso de Campos Sales, em 1898 (91,5% dos votos), Rodrigues Alves, em 1902 (93%), Afonso Pena, em 1906 (97,92%), Venceslau Brás, em 1914 (91,76%), Rodrigues Alves novamente, em 1918 (ele morre antes de assumir o segundo mandato, onde obteve 99,03% dos votos), e Washington Luís, em 1926 (99,83%).

A votação elevada deles não era um sinal de popularidade, mas um claro sintoma de que as eleições não eram democráticas.

E havia muitas razões para desconfianças. As eleições eram realizadas sem cédula oficial e o uso do voto secreto foi desconsiderado,

depois de inventado, em 1913, na Inglaterra e adotado em vários países. Mulheres e analfabetos eram também excluídos do eleitorado.

Outro sintoma de autoritarismo era a forma que a campanha eleitoral ocorria. O normal, é que essa seja uma das etapas mais democráticas de uma eleição, pois é quando os candidatos assumem compromissos públicos com a população.

Antigamente, a campanha ocorria por meio de grandes comícios nas ruas. Depois, passou a acontecer principalmente no rádio e na televisão. Hoje, é nas redes sociais que os candidatos procuram mobilizar o público e submeter suas propostas ao debate.

Desse debate público, espera-se que os cidadãos conheçam as propostas e deliberem sobre qual política pública é de interesse comum (esfera pública).

Nada disso acontecia na República Oligárquica brasileira. Houve até um candidato, Epitácio Pessoa, que venceu as eleições de 1919 sem sair de Paris, na França, onde morava. Ele se tornou presidente do Brasil com 71% dos votos válidos!

Além disso, as campanhas eleitorais do período tinham denúncias de compra de votos, currais eleitorais e coerção de eleitores.

Para completar, quem fazia o alistamento dos eleitores era o Poder Legislativo, que também "diplomava os eleitos".

Em todas essas etapas, sempre ocorria uma chuva de denúncias de fraudes eleitorais, irregularidades e perseguições políticas.

A nova sede do Banco Transatlântico Alemão foi inaugurada em 1926, ano em que foi eleito Washington Luís, o último presidente a completar o mandato na República Oligárquica.

Em 1930, Getúlio Vargas liderou uma revolução que pôs fim à República Oligárquica. Em 1932, o Brasil conheceria inovações no processo eleitoral, como o voto secreto em cabina indevassável, a incorporação das mulheres ao eleitorado e a criação da Justiça Eleitoral (ramo do Poder Judiciário responsável por alistar os eleitores e toda a administração do processo eleitoral até a diplomação).

o que era um banco?



“ acontece que os bancos têm história, não permaneceram iguais, nem fazem as mesmas coisas desde que surgiram, na Idade Média europeia ”

Todo mundo hoje sabe o que é um banco e a importância que tem nas nossas vidas. Afinal, os bancos viraram aplicativos nos nossos celulares, emitem os cartões que usamos nas nossas menores compras e oferecem diversos serviços essenciais no dia a dia.

Acontece que os bancos têm história, não permaneceram iguais, nem fazem as mesmas coisas desde que surgiram, na Idade Média europeia.

Figura 3 - Fachada da sede do Banco do Brasil durante o século XX, atual CCBB, no Rio de Janeiro.

Esse banco da nossa atual experiência cotidiana só tomou a forma de “banco de varejo” por volta de 1950, quando grandes mudanças estruturais no capitalismo vão se consolidar, aceleradas pela expansão dos mercados após a Segunda Guerra Mundial.

É nessa época que passamos definitivamente a viver na chamada “sociedade de consumo”, com a intensificação da produção em massa de bens e serviços. Consumo e prazer imediato passam a ser o horizonte de sucesso, fonte de identificação e integração social.

Em vez da antiga ética da poupança, trabalho duro e hábitos modestos, a população agora era incentivada ao consumismo imediato e à busca do prazer imediato (hedonismo) pela propaganda, o marketing e a facilitação criada por meio de financiamentos e crédito aos consumidores.

Também nessa época (e não por acaso) que esses “bancos de varejo” se tornam dominantes. Mais próximos, inicialmente, das classes médias e, depois, da população em geral, esses bancos estão instalados em prédios com arquitetura de linhas modernas, criadas para aproximar essas instituições do público.



Figura 5 - Propaganda antiga do banco Itaú (1973).

Figura 4 - Fachada de um atual banco a varejo no Brasil.

palacete eclético

“os bancos eram mesmo espaços frequentados por grandes comerciantes e outros investidores...”

Você já deve ter ouvido falar dos tempos em que as pessoas escondiam o dinheiro “no colchão”. Pode até haver um pouco de exagero nisso, mas a verdade é que, por desconfiança ou pelos bancos serem inacessíveis, muita gente guardava mesmo o dinheiro em casa, oculto em paredes ocultas e outros esconderijos.

Nas primeiras décadas do século XX, os bancos eram mesmo espaços frequentados por grandes fazendeiros, comerciantes e outros investidores, todos das camadas mais ricas da população. A arquitetura dos bancos era pensada então para comunicar grandeza, solidez e imponência, além de deixar essa sua clientela sofisticada segura de que eles estavam num lugar à altura do seu poder financeiro.

O Banco Transatlântico Alemão tinha, portanto, razão para mudar de endereço. No número 42 da Rua da Alfândega, foi construída a fina flor da arquitetura bancária europeia da época, o imponente prédio no estilo Palacete Eclético.

O prédio iria abrigar suas instalações e também comunicar o poder de um banco tão rico e influente que possuía sede própria em diversos países com os quais realizava transações comerciais.

Ah, claro. Também comunicava que aquele não era um lugar para “qualquer um” entrar. Daí uma fachada rica em detalhes, relevos e pedras do caríssimo granito. A maioria da população deveria apreciar de fora a exuberância do prédio. Circular dentro dele era o privilégio de uma aristocracia financeira.

Figura 6 - Palacete do Parque Lage, no Rio de Janeiro, um edifício de arquitetura eclética.



arquitetura que fala

“a arquitetura eclética
e o concreto armado
permitiram nova formas
estéticas de expressão.”

A característica do ecletismo é ser o estilo da “arquitetura falante”, aquela que conta a sua própria história. O prédio era um sinônimo de progresso e desenvolvimento por ter sido construído em estilo eclético. Além disso, essa foi também uma das primeiras construções em concreto armado, material há pouco tempo disponibilizado aos engenheiros da época.

A arquitetura eclética e o concreto armado permitiram novas formas estéticas de expressão. Isso foi usado na nova sede do banco para comunicar prosperidade e modernidade.

Grades, portas e janelas estão dispostas de forma a dar um ritmo regular de cheios e vazios (racionalidade). A base do prédio é de granito polido e lustrado, de feição neoclássica. Na entrada, há três portas duplas de ferro fundido, ladeadas por dois pares de colunas dóricas formais (um estilo de coluna da arquitetura grega que surgiu no início do século VII a.C).

Figura 7 - Sede do antigo Banco Alemão Transatlântico, na Rua da Alfândega, 42.

No alto da porta central, na fachada, está Mercúrio, deus romano do comércio e da eloquência. Depois, o símbolo da paz no comércio, o caduceu de Mercúrio, um bastão com duas serpentes entrelaçadas e asas na parte superior.

Essa mensagem de paz no comércio era muito importante para todos os povos nesse período entre guerras na Europa. A I Guerra havia terminado em 1918, mas as tensões e contradições permaneceram altas, até que levaram à II Guerra, em 1939.

Da mesma forma, era igualmente importante a mensagem da Balança (Justiça), também presente nos relevos decorativos da fachada do prédio.



Figura 8 - A balança representa a Justiça no mundo dos negócios.

Deuses da mitologia greco-romana inspiram outros relevos decorativos, que evocam fartura, agricultura e comércio. O trigo e a foice são símbolos da agricultura. Sobre os gradis centrais está a cornucópia, simbolizando a fortuna no comércio.



Figura 9 - Representação de Mercúrio, Deus Romano do Comércio.



Figura 10 - A Foice e o Trigo representam a agricultura.



Figura 11 - A Cornucópia é uma alusão a prosperidade

A frente do edifício exhibe ainda os brasões dos países com relações comerciais com o banco alemão na América latina: Brasil, Espanha, Uruguai, Chile, Peru, Argentina e Bolívia. No portão central, a Alemanha, claro, a dona da casa.

avanço civilizatório



“as novas máquinas de transporte (avião, automóvel, transatlânticos) e comunicação (rádio, cinema, discos) estavam na origem das transformações”

Esse apelo à tradição estética greco-romana não era casual. Grécia e Roma são o berço da nossa civilização ocidental.

Há ainda máquinas de transporte representadas em destaque no Grande Hall, pois eram também símbolos da modernidade. Aliás, nos anos 1920, todas as transformações e valores vindos da Europa e, agora, dos Estados Unidos (grande vencedor da Primeira Guerra Mundial) eram vistos como “progresso”, um “avanço civilizatório”.

Essa é a ideia presente nos adornos do prédio, por exemplo, que trazem um navio à vela e o moderno navio a vapor. Eles registram as viagens transatlânticas desde os tempos coloniais. O que tinham em comum?

Todas essas viagens eram vistas como um processo civilizatório. Não havia questionamentos sobre a escravidão, a evasão das riquezas e todas as mazelas do colonialismo.

Figura 12 - Figura Mesopotâmica que era utilizada na época para decorar grandes espaços. Repare na inscrição A.D. 1925. Trata-se da data de sua colocação, abreviada do latim: Ano do Senhor, 1925.

As novas máquinas de transporte (avião, automóvel, transatlânticos) e comunicação (rádio, cinema, discos) estavam na origem das transformações no cotidiano das pessoas.

Viagens mais rápidas e baratas significam maior contato entre os povos e rapidez na difusão das novas ideias culturais. Os modernos navios transatlânticos escoavam as mercadorias para o comércio mundial (o avião era ainda muito caro). Internamente, as ferrovias eram responsáveis pelo transporte das mercadorias dentro do país.



Figura 13 - A locomotiva transportava cargas, pessoas e os valores de força e modernidade.

Na fachada do prédio, há ainda a representação de uma abelha mestra seguida por duas abelhas coletoras, uma alusão ao trabalho cooperativo, organizado, disciplinado e coletivo. Geralmente, as abelhas são usadas como metáfora do trabalho dos operários. A indústria era a atividade econômica responsável pela maior acumulação de capital e riqueza das nações desenvolvidas na época, inclusive a Alemanha.



Figura 14 - As abelhas simbolizam as noções de disciplina e ordem que eram esperadas dos emergentes operariado das cidades brasileiras.



Figura 15 - O Transatlântico era o principal meio de transporte que unia os continentes.

edificando a modernidade



“a palavra “moderno” passava a frequentar o vocabulário das pessoas. [...] ser moderno era estar ligado a ideias como: novidade, progresso, mudança, tecnologia, ciência, desenvolvimento”

Em 23 de agosto de 1926, quando a nova sede do banco foi inaugurada, o Rio de Janeiro superava a marca de 1 milhão de habitantes, possuía mais de 4 mil automóveis e 417 linhas de bonde, 50 cinemas, 24 jornais diários e 44 bancos. A cidade se distanciava dos valores provincianos e coloniais para se tornar uma metrópole moderna.

A palavra “moderno” passava a frequentar o vocabulário das pessoas. Falava-se no carro moderno, na roupa moderna, na mulher moderna, na escola moderna, nas cidades modernas. Ser moderno era estar ligado a ideias como: novidade, progresso, mudança, tecnologia, ciência, desenvolvimento.

A modernidade europeia caracterizou-se também pela noção de universalidade e progresso linear. O sentimento geral era de que se havia atingido o auge do que a civilização poderia alcançar. Então, todos os países que seguissem o mesmo caminho de progresso e desenvolvimento iriam se tornar ricos e civilizados. Esse era o pensamento e os valores da época.

Figura 16 - Os Arcos Intercalados do Grande Hall são simétricos para expressar racionalidade.

Uma consequência disso foi a criação de um "homem universal". As sociedades deveriam não apenas cobiçar a tecnologia e o padrão econômico de vida dos europeus. Era preciso ter também os hábitos, valores e costumes daquela sociedade.

A modernização do Porto era só um indicativo das transformações na cidade do Rio de Janeiro e na vida cotidiana das pessoas. Bondes circulando, navios a vapor feitos em estaleiros nacionais, sistemas públicos de iluminação com energia elétrica, abastecimento de água e esgoto, desmonte de morros, abertura de largas avenidas como a



Figura 17 - Visão Panorâmica da Avenida Central, à época da sua inauguração.

Central (hoje Rio Branco), Beira-Mar e Maracanã, todas inspiradas na reforma feita em Paris, entre 1853 e 1870.

Os novos tempos eram das grandes empresas do capitalismo monopolista, dos lucros fabulosos e de investimentos no mundo inteiro, da circulação frenética das cidades, da bolsa de valores, das negociações pelo telefone, das viagens de avião para assinar contratos milionários, da publicidade espalhada pela cidade, dos documentos na máquina de escrever, das rivalidades comerciais levadas às últimas consequências.



Figura 18 - Os automóveis eram símbolo da modernidade nas metrópolis

Dentro do Grande Hall veremos relevos com referências à Alemanha, Espanha, Bolívia, Peru, Uruguai, Brasil, todos países em que o Banco Transatlântico Alemão possuía sede. Era o início da internacionalização do capital europeu, lembrando que, junto com os investimentos, viriam também os valores civilizatórios.



Figura 19 - Os relevos do Grande Hall trazem os países em que o Banco Transatlântico Alemão possuía sede e negócios. Começava o processo de exportação e internacionalização do capital, que virá posteriormente a gerar as grandes empresas multinacionais.

Hoje em dia, é normal a gente ver em filmes ou viagens que existem empresas mundiais, que vendem hambúrguer, roupas e todos os tipos de mercadorias.

Desde os anos 1950, essas empresas são chamadas de multinacionais, mas é bom lembrar que a palavra “multinacional” só vai existir após 1945, com a série de fusões das grandes empresas capitalistas.

Esse processo já era claro no fim do século XIX, quando houve a fusão de empresas industriais e bancos, formando grandes oligopólios.

As fusões promoveram a competição comercial entre os emergentes conglomerados capitalistas, levando as nações europeias a uma guerra brutal por expansão de mercado. A Primeira Guerra Mundial (1914-1918) difundiu o uso bélico dos aviões, tanques de guerra, submarinos, gases mortais pulverizados sobre as trincheiras (guerra química), metralhadora. Foram milhões de mortos e mutilados, além da devastação econômica da Europa.

Apesar de todas essas mudanças econômicas e culturais, uma grande empresa ter sede em vários países era uma distinção social. Era a internacionalização do capital. Em vez de apenas vender mercadorias para o exterior, as empresas passaram a se instalar e produzir as mercadorias em outros países.

O Banco Transatlântico Alemão foi uma empresa que, logo no início do século, construiu sede e desenvolveu negócios em outros países, como o Brasil. Por isso, há um lugar de destaque nas paredes da sede do banco para as nações em que ele atuava. Esse era um símbolo da importância da empresa.

Figura 20 - Dois soldados alemães e sua mula usando máscaras de gás por volta de 1917, durante a Primeira Guerra Mundial.



caixa-forte

“o elevador era para que o presidente do banco tivesse acesso direto ao cofre que guardava a riqueza da agência bancária e de seus clientes”

No prédio, apenas um dos elevadores desce até o subsolo, onde funcionava o Caixa-Forte do banco. Esse mesmo elevador também sobe apenas até o primeiro andar, onde estava a Presidência do banco. Não era por acaso nem economia. O banco realmente funcionava nesses três pavimentos, pois todos os outros andares eram alugados a escritórios de advocacia, agências marítimas e seguradoras.

O elevador servia para ligar a Presidência do banco à sobreloja, o Grande Hall e o subsolo. O presidente do banco, então, tinha acesso direto ao subsolo, onde estava o cofre que guardava a riqueza da agência bancária e de seus clientes.

Figura 21 - Antessala do cofre do Banco Alemão Transatlântico.



Figura 22 - Porta do elevador que ligava a Presidência, sobreloja, Grande Hall e o subsolo do banco.

É possível ver na foto e na propaganda que o elevador levava a uma sala de estar, onde os clientes do banco eram recebidos. Ali havia pelo menos uma máquina de escrever e materiais de escritório disponíveis aos clientes.

Para entrar na caixa-forte era necessário transpor a moderníssima porta de aço produzida pela empresa do lendário Porsche, na Alemanha, que vivia então o período de transição da monarquia para a república constitucional. Chamado de República de Weimar (1918-1933), esse momento histórico foi o de maior democracia na Alemanha até então.

As portas de aço das caixas-forte eram produzidas nas empresas Porsche e denominadas Panzer (blindado). Nada menos que cinco homens eram necessários para girar o pequeno volante e abrir a porta de aço trazida para o Brasil e instalada na sede do Banco Alemão Transatlântico. Era uma prova de qualidade e segurança.

Banco Alemão Transatlântico

Rio de Janeiro Rua da Alfandega 42.

COFRES
em diversos
formatos de
Rs. 50\$000 até
Rs. 200\$000 por
ano

SEGURANÇA ABSOLUTA
Facilidade access
por meio do
ELEVADOR
Ventilação artificial
**COMODIDADE
E
CONFORTO**

A Ante-Sala

Sala de entrada da Casa Forte,
onde se encontra a
SEÇÃO DE COFRES
e os seus
COMPARTIMENTOS
destinados aos particulares de cofres
valores de depósito, mercadorias
de reserva, etc.

Interior
da
Casa Forte

CASA FORTE

Aberta das 9 horas da manhã às 5 1/2 horas da tarde, salvo aos sábados, em que é fechada às 3 horas

Figura 23 - Propaganda dos cofres do Banco Alemão Transatlântico que mostrava sua antessala.

Ao entrar na caixa-forte, os clientes encontravam as pequenas caixas de depósito de joias, objetos pessoais ou outros bens de menor porte. Essas caixas tomavam todo o ambiente da sala.

Havia ainda uma porta para uma sala ao lado, onde há ainda hoje um grande armário de aço, que guardava, provavelmente, objetos de valor do próprio banco. Desde 1918, com o fim da Primeira Guerra Mundial, havia acabado a exigência de um lastro de ouro para garantir os empréstimos do banco. Até então, cada banco era obrigado a converter as notas bancárias emitidas em ouro. A libra esterlina, moeda do Reino Unido, também podia servir de referência.

Não havia surgido desde então um outro padrão internacional de equivalência para os empréstimos. Os acordos de Bretton Woods (1944) já previam a adoção do dólar-ouro. Porém, o dólar se tornou mesmo moeda padrão para as transações internacio-

nais após 1945, com o fim da Segunda Guerra Mundial, quando os Estados Unidos financiaram a reconstrução da Europa e do Japão.

Muita gente desconhece que o sofisticado automóvel Porsche é da mesma empresa que fabricava o modesto fusca. Volkswagen, na verdade, pode ser traduzido por “carro do povo” e é como foram chamados os primeiros fuscas. O engenheiro Ferdinand Porsche criou o carro para ser acessível às camadas populares na Alemanha.



Figura 24 - Ferdinand Porsche e seu fusca de uso pessoal, o único restante dos outros 14 da pré-série VW-39, desenvolvida por ele durante a Segunda Guerra Mundial.

A conversibilidade do dólar em ouro seria abolida somente em 1971, dando origem ao chamado de sistema flutuante.

O padrão-ouro, porém, permaneceu uma referência nas trocas internacionais por um tempo. Então, provavelmente, o armário de aço pode ter servido para proteger o lastro de ouro da agência bancária da Rua da Alfândega.



Figura 25 - A antessala do cofre funcionava como uma sala de estar para receber os clientes do banco, onde aguardavam para atravessar a grande porta de aço Panzer produzida pelas empresas Porsches que protegia fortemente a caixa-forte do Banco Transatlântico Alemão.

As empresas Porsche fizeram também o protótipo dos tanques de guerra das célebres divisão Panzer (veículo blindado de combate), que tiveram um papel central nas vitórias iniciais e no avanço da Infantaria nazista. Esse é um detalhe triste a biografia do engenheiro, que iria aderir futuramente ao nazismo.

indústria, comércio e agricultura



“um erro comum das pessoas é projetar no passado os valores que partilhamos hoje em dia. O nome disso é anacronismo.”

O Grande Hall é o espaço nobre do edifício. Possui 450 metros quadrados e ali ficavam os guichês de atendimento bancário. O pé direito duplo tem oito metros de altura, com quatro colunas em pedra-sabão. Um prisma proporciona ventilação e iluminação. Afinal, mesmo o luxuoso prédio do Banco Transatlântico foi inaugurado sem ar condicionado, que só seria instalado no edifício quatro anos após, em 1930.

Nesse Grande Hall, chama atenção o espaço dedicado a três vitrais produzidos pela Casa Conrado, de São Paulo.

O primeiro faz justamente alusão à economia industrial. Há uma fornalha e chaminés que exalam grossos rolos de fumaça.

Figura 27 - Roda dentada e o martelo representam o trabalho industrial.

Um erro comum das pessoas é projetar no passado os valores que partilhamos hoje em dia. O nome disso é anacronismo. Nos valores das pessoas daquela época, 1926, ecologia, desmatamento e aquecimento global não eram uma preocupação.

O sentimento geral era de que a natureza poderia prover a humanidade com riquezas naturais infinitas.



Figura 28 - Vitral do Grande Hall que representa a indústria.

A fumaça das fábricas e o desmatamento eram então símbolos do progresso industrial que fez as nações europeias acumularem riquezas como em nenhuma outra época da História.

Curiosamente, nesse vitral que faz homenagem à indústria, há uma ausência de seres humanos. Vemos máquinas, fornalha, prédio, fumaça, mas o novo ator social urbano não está presente, que são os operários.

O vitral central reproduz a cena que justifica o nome e a existência do investimento do banco. É a representação de um navio transatlântico cargueiro sendo abastecido por um moderníssimo guindaste elétrico. Novidade no Rio de Janeiro, o guincho elétrico havia sido adquirido com a modernização do Porto.

Esse vitral representa o comércio em geral e as exportações em particular, que faziam da área portuária um local estratégico para os bancos.

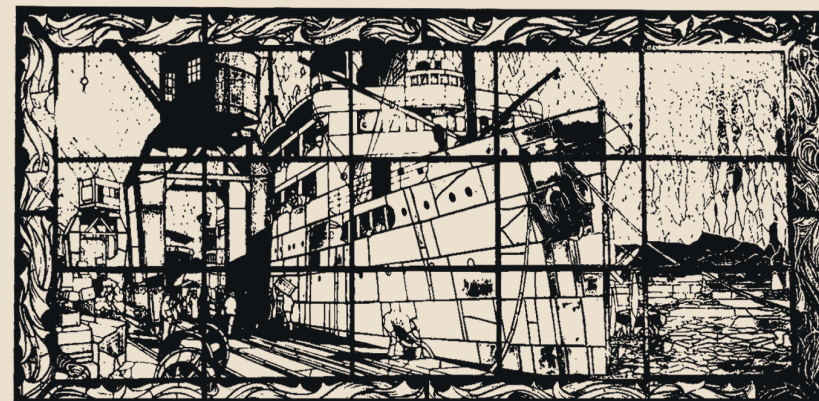


Figura 29 - Vitral do Grande Hall que representa o comércio de exportação.

Havia ainda um terceiro vitral que está perdido. Muito certamente, repetia o tripé lógico das representações econômicas que se espalham pelo prédio: indústria, comércio e agricultura. Provavelmente, reproduzia uma cena de uma atividade econômica ligada ao campo. Talvez, o café fosse a riqueza representada. Mas dificilmente saberemos, porque não restaram vestígios desse vitral.

Na rotunda do grande hall e em vários relevos, há representações de flores e bordas em arabesco, influência do importante movimento artístico francês Art Déco. A modernização do Rio de Janeiro foi inspirada na reforma de Paris e também na cultura francesa. No início do século, a cidade viveu sua “Belle Époque”. As elites cariocas de então se cumprimentavam nas padarias, bares e restaurantes com um sonoro “Bonjour”.

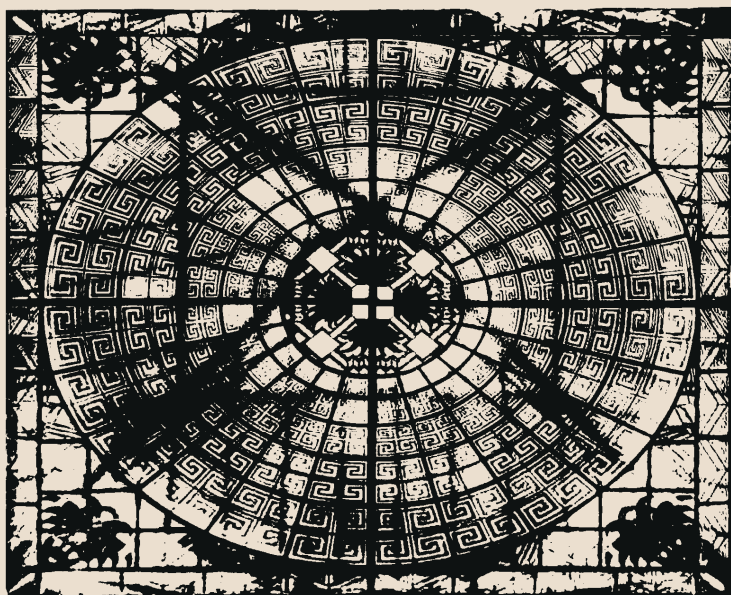


Figura 30 - Rotunda do Grande Hall.

Os elevadores eram importados de Nova Iorque, da empresa Otis. No hall dos elevadores, há uma figura feminina, como o torso nu, inspirada na escultura da Mesopotâmia, usada na época para ornar grandes espaços arquitetônicos.

Hoje em dia essa escultura pode ser considerada “kitsch”, palavrinha alemã para mau gosto. Coisas do tipo “pinguim de geladeira” ou “anões de jardim”, por exemplo, são clássicos do kitsch, ou “brega”, termo usado aqui no Brasil.

Novamente, é preciso considerar o contexto histórico-cultural, nesse caso, da Belle Époque. Apesar dos seios nus, a figura de mulher não sugere uma sensualidade exagerada ou algo assim.

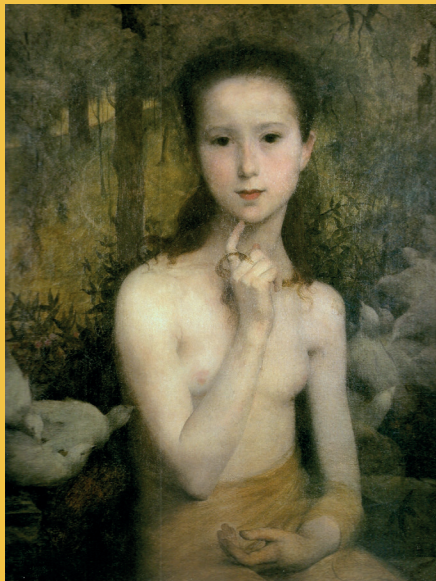
Na realidade, a escultura representa uma idealização da figura da mulher daquela época. Era o “doce erotismo” da Belle Époque, traduzido na ideia de nudez casta, de uma certa ingenuidade, além do “esplendor da vida”, com juventude e vitalidade.

Há também uma inscrição na escultura: 1925 a.D. (anno Domini ou “no ano do Senhor”). Numa época em que os sermões das missas eram ainda em latim, os cristãos marcavam assim a passagem do calendário. Essa é a provável data da escultura, terminada então no ano anterior à inauguração do prédio.



Figura 31 - Cartaz da Semana de Arte Moderna, evento que revolucionou os padrões culturais das classes médias do Brasil.

Ideal de mulher na Belle Époque



A pintura Gioventù é a mais reverenciada obra do pintor e designer italo-brasileiro Eliseu Visconti. Formado em Paris, berço da escola artística da Belle Époque, ele é considerado um dos mais importantes artistas plásticos da transição do século XIX para o XX.

Repare que a pintura de Visconti e a escultura exposta próxima aos elevadores do Grande Hall do Palácio da Democracia guardam marcas semelhantes da influência daquela escola artística, em especial ligada ao “doce erotismo” da Belle Époque. O quadro e a escultura expressam a idealização acerca da mulher naquele tempo: nudez casta e ingênua, juventude e esplendor de vida

(Fonte: wikipedia e Coleção Nosso Século, volume 2).

Uma reflexão sobre o tempo

Em geral, quando a gente pensa no tempo histórico, é comum representá-lo a partir de uma “linha temporal”, com uma sucessão de fatos selecionados por especialistas. Mas essa é apenas uma representação do tempo da natureza, físico, cronológico.

O Brasil, por exemplo, tem hoje uma eleição informatizada, biometria para identificar eleitores, sistemas informatizados para dar transparência às candidaturas e resultados, leis atualizadas para tentar impedir abusos até no mundo virtual.

No entanto, a Justiça Eleitoral ainda luta para coibir práticas como compra de votos, o assistencialismo político, o uso do cargo público para angariar votos, a formação de currais eleitorais, entre outros abusos. Nada diferente do que acontecia há um século, na República Oligárquica.

Esses valores e práticas políticas arcaicos persistem no que os historiadores chamam de “tempo de longa duração”. Isso quer dizer que o tempo tem também uma dimensão cultural e psicológica.

Você já reparou que é comum ouvirmos que fulano é “atrasado”, que “vive no passado”? Ou que sicrano é “ousado”, que ele está “à frente do seu tempo”? Que alguns povos cultuam os costumes dos seus ancestrais, enquanto outros afirmam sua identidade justamente pela noção de que devem inovar e romper com as tradições?

Esse tempo cultural e psicológico aparece nas formas como articulamos tempo e espaço nas narrativas. A forma como narramos nossas vivências e experiências num determinado tempo e espaço influencia a maneira como compreendemos os acontecimentos.

A História como pensamos hoje, como uma narrativa unificada, que une passado, presente e futuro, é uma invenção da segunda metade do século XVIII, próximo à Revolução Francesa. Aliás, quando falamos de revoluções como essa, o espaço que aparece nas

narrativas é o das cidades e o tempo é acelerado, porque é o tempo da ruptura histórica, do conflito coletivo.

No Palácio da Democracia, por exemplo, existem vários relevos com representação das Caravelas do descobrimento e dos então modernos transatlânticos comerciais. Essa é uma representação que unifica o tempo da colonização até o ano de 1926, quando o prédio foi inaugurado. É o tempo do “progresso” e da “civilização” no espaço brasileiro, em especial o mar e o porto.

A experiência de acompanhar as notícias também é de articular tempo e espaço. O tempo do jornalismo é factual, linear, marcado pelo “antes” e “depois”. No jornal impresso, o tempo é ontem. No rádio e na televisão, quando o repórter transmite um acontecimento ao vivo, o tempo é o da urgência, da atualidade. Nas redes sociais é o tempo da atualização constante, um tempo sempre instável.

Nas novelas de época, o tempo é idealizado, passa devagar, e o espaço é doméstico, familiar, aconchegante (para criar identificação afetiva). Nas narrativas das teorias da conspiração que circulam nas redes sociais, o tempo é o “fim iminente”, a catástrofe, e o espaço é global e ameaçado.

Enfim, a relação com o tempo vai além da passagem cronológica (passado - presente - futuro). Ele não é um progresso em linha reta e universal (que vale do mesmo jeito para todas e todos). Duas pessoas podem habitar no mesmo país, cidade, território e terem visões completamente diferentes a respeito dos valores tradicionais ou sobre os novos estilos de vida.

Se o tempo tem essa dimensão cultural e psicológica, isso quer dizer que ele é medido pelos modos plurais com que atribuímos sentido a nossas vivências, do modo específico com que os grupos sociais percebem e narram as suas experiências.

Em alguns lugares, essas vivências se misturam, como ocorreu no Rio de Janeiro de 1926. A então capital da República vivia uma intensa movimentação no tempo cultural e psicológico, configurando um ambiente social que juntava valores de dois mundos: a modernização vinda da Europa e os valores arcaicos e aristocráticos das elites oligárquicas.

“Qual passado queremos para o nosso futuro?”

Desde 2024, o prédio da Rua da Alfândega, 42, abriga o Palácio da Democracia, a sede do Tribunal Regional Eleitoral do Rio de Janeiro. Desde então, tornou-se o espaço simbólico de outra experiência: a de valorização da democracia e da cidadania política.

Podemos então ter um outro olhar e perceber diferentemente os mesmos relevos, granitos, esculturas e arquitetura do prédio.

É assim que uma tradição de historiadores analisa estátuas, monumentos arquitetônicos, peças de museu e todo tipo de acervo ou documento. Essas obras constituem os valores de determinada época (fazem parte deles ou são moldados por eles).

O filósofo camaronês Achille Mbembe entende que há algo mais. Esses monumentos nos induzem a aceitar que alguns grupos sociais têm uma história a ser lembrada, enquanto a história das parcelas mais humildes da população deve ser esquecida.

É possível então a narrar histórias com novas perspectivas a partir desses monumentos e documentos históricos. Principalmente, narrar a perspectiva esquecida das pessoas comuns daquela época, suas expectativas de reconhecimento social, desejos de respeito, justiça e segurança e igualdade jurídico-política.

Ao se tornar “Palácio da Democracia”, o prédio está associado ao contexto histórico atual, de liberdades individuais e coletivas previstas na Constituição cidadã de 1988, de sucesso da Justiça Eleitoral e da urna eletrônica em garantir a legitimidade dos mandatos obtidos por meio do sufrágio universal.

Qual passado queremos para o nosso futuro? A pergunta da professora da UFRJ, Ana Paula Goulart Ribeiro, nos diz que o que selecionamos como importante no passado afeta profundamente as escolhas e valores com que construímos o futuro.

Devemos então nos perguntar: qual possibilidade de futuro o Palácio da Democracia deve simbolizar? De paz social e democracia?

Bibliografia

ALVES, Janércia Aparecida; BRAIDA, Frederico; ABDALLA, José Gustavo Francis. **De Agências Bancárias a centros culturais: o caráter simbólico da arquitetura**. Revista Projetar – Projeto e Percepção do Ambiente. Natal: Centro de Tecnologia da UFRN, Volume 8, número 1, janeiro de 2023, p. 53-67. Disponível em: file:///D:/Setor/De_agencias_bancarias_a_centros_culturais_o_carate.pdf

NOSSO SÉCULO. **1900/1910: A era dos bacharéis**. São Paulo: Abril Cultural, 1980, Volume 1 (Coleção em 10 Volumes).

NOSSO SÉCULO. **1910/1930: Anos de crise e criação**. São Paulo: Abril Cultural, 1980, Volume 2 (Coleção em 10 Volumes).

PROPATO, Valéria et alli. **Palácio da Ciência – Rua da Alfândega, 42**. Rio de Janeiro: Diadorim Ideias, 2014.

RICCI, Paolo; ZULINI, Jaqueline Porto. **Almanaque de dados eleitorais: Primeira República 1889-1930**. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral, 2023.

